

Apresentação



O dossiê desta edição da revista *Significação* “A pesquisa em cultura audiovisual: novos desafios e aportes teóricos”, organizado por Margarida Adamatti e Eduardo Morettin, propõe construir um quadro das pesquisas realizadas atualmente na área, trazendo recortes e diálogos ainda não explorados dentro do campo, enfoques interdisciplinares e abordagens originais do ponto de vista teórico e histórico.

A imagem acima faz parte do artigo de José Gatti que integra esse dossiê. *Philosopher* (2013) de Aleksandra Hirszfeld revela pontos convergentes com a proposta de seus organizadores. O filme integra as oficinas do Projeto *Labour in a Single Shot*, organizado por Antje Ehmann e Harum Farocki. Se o tema das oficinas era o mundo do trabalho, Hirszfeld transformou o fazer intelectual em imagem visível. No plano fixo quase sem ações, o homem pouco se move. Faz apontamentos no livro e reflete.

Philosopher criou uma metáfora visual para debater a dificuldade de representar o fazer intelectual. Como nesta imagem, muitas vezes a perspectiva metodológica das pesquisas em audiovisual permanece quase invisível. Se o artigo “(In) Visibilidades de *Labour in a Single Shot*” converte a invisibilidade do mundo do trabalho em imagens, o dossiê de *Significação* pretende tornar visíveis os desafios e aportes teóricos trazidos pelo enfrentamento do audiovisual. Qual a contribuição que os analistas dão à materialidade da imagem na atualidade? Ou os trabalhos trilham o caminho



inverso? Se com a ampliação do corpus de pesquisa em audiovisual houve um benefício conceitual, como reavaliar as perspectivas teóricas e práticas mais utilizadas? Jacques Aumont e Michel Marie comentam no livro *A análise do filme* que nem sempre os estudos de cinema conseguem encontrar um método novo ou um ponto de vista inédito. Nesse sentido, talvez o âmago da questão seja a capacidade de reelaboração teórica e analítica, a partir de um diálogo crescente com outras áreas. Estaríamos mais na área da tradição reatualizada do novo do que no campo da inovação teórica constante.

O dossiê de *Significação* não tem a pretensão de compor um quadro completo de todas as perspectivas audiovisuais utilizadas atualmente, mas demonstrar de que modo é feita a articulação em torno da análise imanente com a perspectiva historiográfica, sociológica, filosófica, chegando até mesmo a problematizar a própria metodologia. Seja no diálogo com outros formatos artísticos ou na quebra da cronologia linear, os autores unem o viés teórico à singularidade dos objetos analisados.

José Gatti concentra-se na política da representação dos trabalhadores e nos reflexos dessas mudanças no mundo do cinema em “(In)Visibilidades de Labour in a Single Shot”. Tomando as primeiras imagens do mundo do trabalho, em *A saída da Fábrica Lumière em Lyon* (1895), o autor tece um retrato da visibilidade e invisibilidade dos trabalhadores até o projeto *Labour in a Single Shot* de Antje Ehmann e Harun Farocki. O artigo transita entre diferentes formas de análise, como a verticalidade das pinturas, o enquadramento das imagens, o uso das canções e a história do próprio cinema, construída através da materialidade dos filmes. O percurso faz o leitor caminhar por entre fios analíticos, que conectam a metáfora da invisibilidade do trabalho nas lavanderias automatizadas de Portugal com o quadro de desemprego, a sonoridade própria do Fado e o coral dos garis do Rio de Janeiro. Desse modo, a análise imanente engloba uma multiplicidade de culturas, etnicidades e tempos históricos.

Luiz Carlos Oliveira Junior realiza uma análise imanente detalhada do cinema de Abbas Kiarostami à luz das representações picturais ocidentais ao longo dos séculos. O autor realça em primeiro plano o elemento plástico das cenas e assim reflete teoricamente sobre o dispositivo da representação, o estatuto da ficção, o lugar do espectador e o jogo entre a transparência da pintura renascentista e



o corrosivo efeito de opacidade de *Cópia Fiel* (2010).

O diálogo estabelecido entre o cinema e a pintura deste artigo possui ao mesmo tempo uma abordagem intertextual, que tem sido uma das perspectivas atuais para abarcar as conexões entre o cinema e outras formas midiáticas ou artísticas. Com esse objetivo metodológico em mente, Samuel Paiva parte da *Historiografia do cinema brasileiro* (1995) de Jean-Claude Bernardet para propor a intermedialidade como novo método historiográfico do cinema. A perspectiva acompanha a tendência de procurar um método interdisciplinar dedicado aos fenômenos que envolvem mais de uma mídia, minimizando o peso da universalização das teorias cinematográficas. Deixando de lado a especificidade de cada meio, o cinema passa a ser visto como uma forma multimídia ou como uma combinação de mídias. Paiva fornece um quadro conceitual da aplicação da intermedialidade ao cinema e opta pela abordagem historiográfica para pensar a produção pernambucana da Retomada. O artigo “Cinema, intermedialidade e métodos historiográficos – a partir do *Árido Movie* em Pernambuco” investiga o quanto a intermedialidade pode ser tomada como método historiográfico para analisar *Baile Perfumado* (1996) de Lírío Ferreira e Paulo Caldas. Através de uma abordagem intermediária, a experiência musical do Manguebeat e a montagem próxima ao videoclipe são vistas como locais de inversão das tensões entre ficção e documentário, sem a necessidade de localizar uma fronteira clara entre as mídias. Através desses comentários, Paiva transforma os elementos internos da diegese, como as conexões da forma musical da narrativa, a montagem e o maracatu em estúdio, em questões mais amplas da identidade por sua capacidade de gerar efeitos de hibridação cultural.

A intermedialidade não surge elencada como perspectiva metodológica de Daniela Bracchi, mas a autora realça o diálogo entre as formas da cultura visual. O artigo “Exposição e Significação: uma análise sobre os retratos de prisioneiros no Camboja” coloca em questão as propostas estéticas e políticas de dois museus que organizaram exposições sobre os retratos de identificação fotográfica dos prisioneiros políticos no Camboja durante a ditadura de Khmer Vermelho. Bracchi realiza um estudo comparativo entre a exposição no MoMA e no Museu do Vietnã. Entre o espaço claustrofóbico e os objetos de tortura colocados nas celas e a escolha por realçar a plasticidade da deteriorização química do material fotográfico, a



autora discute as funções sociais da fotografia, a partir do local onde as imagens circulam. Consegue assim demonstrar o quanto o discurso fotográfico age numa intrincada relação entre o valor artístico e o político.

Enquanto esses artigos realçaram primeiro a análise interna da produção audiovisual, outros autores inverteram esse percurso. Seja pela abordagem historiográfica, filosófica ou sociológica, o foco é observar quanto os fatores externos ao cinema se fazem presentes no material fílmico, corroborando ou não com projetos estéticos e políticos. Essa perspectiva está presente no estudo de Cassio Tomaim sobre o documentário de eventos traumáticos, no texto de Erick Felinto sobre a contingência enquanto projeto político dos filmes de viagem no tempo, na abordagem filosófica de Marcelo Carvalho sobre a materialidade do cinema e, por fim, na incidência da identidade fragmentada como mote da construção espacial de *O céu de Suely* no artigo de Rayssa de Medeiros Oliveira e Luiz Antonio Mousinho Magalhães. Nesses casos, os autores demonstram como um movimento teórico ou social abrangente surge no universo autoral, conferindo uma singularidade aos filmes.

Com uma perspectiva historiográfica, o artigo de Cassio Tomaim, “O documentário como ‘mídia de memória’: afeto, símbolo e trauma como estabilizadores da recordação” realça o espaço concedido à memória da representação nos documentários de testemunha sobre eventos traumáticos. Tomaim frisa o quanto os fatores sociais e históricos incidem na produção fílmica, indo além dos projetos de monumentalização da memória oficial. Com o *corpus* que passa por *Noite e Neblina* (1955) de Alain Resnais, por *Shoah* (1985) de Claude Lanzmann, por *Nanking* (2007) de Bill Gutten-tag e *A Cobra fumou* (2002) de Vinicius Reis, Tomaim realiza uma reflexão historiográfica sobre vários recursos do documentário, como a institucionalização da voz *over*, o recurso ao cinema verdade, o compromisso ético do documentarista e a impossibilidade de representar o irrepresentável. Por essas vias, ele problematiza os usos sociais dos documentários de eventos traumáticos, seja como forma de subordinação às políticas da memória e adequação a determinados projetos políticos, seja como maneira de ir além, através da autenticação do ato de recordar.

Erick Felinto concilia em sua análise as teorias da comunicação e a filosofia no artigo “Mr. Sandman, bring me a time machi-



ne: Temporalidade, Contingência e Gênero em *Back to the Future* e *Donnie Darko*”. Em busca de questões mais gerais a partir dos filmes, o método de análise passa por detalhado estudo dos planos, pela composição dos personagens, pelo *décor* e pelos ângulos de filmagem. Os filmes de viagem no tempo possibilitam ao autor discutir o aumento da contingência na experiência pós-moderna e sua incidência nas ambiências temporais do cinema em *Back to the Future* (1985) de Robert Zemeckis e *Donnie Darko* (2001) de Richard Kelly. Seja como experiência individual ou como algo amorfo e instável, a temporalidade nos dois filmes permite a Felinto traçar um paralelo com os projetos políticos em pauta no contexto das filmagens.

Dedicando-se a uma abordagem filosófica do cinema, Marcelo Carvalho analisa *A saída da fábrica dos Lumière em Lyon* pelo caminho da invisibilidade da matéria no plano deleuziano e bergsoniano. “Cinema hipermaterialista: Bergson, Deleuze e a virtualização da matéria nos filmes de Louis Lumière” discute o encontro do estatuto perceptual da materialização nos filmes de Lumière e a virtualização da matéria, proposta por Pierre Levy. Investigando de que forma a matéria e o mundo material da percepção objetiva adentram no cinema, o autor busca responder a uma indagação sobre a presença de esboços da percepção, afecções e ações nos filmes de Lumière, antes da constituição da imagem-movimento deleuziana. Carvalho propõe que a imagem-perceptual seja vista como constructo perceptivo e fluxo subjetivo em construção por sua capacidade de revelar as condições de realização do cinema. Dessa forma, os vultos dos trabalhadores entrando e saindo da fábrica no primeiro filme de Lumière surgem não como a representação da coisa, mas como a própria coisa por sua capacidade de gerar uma sensação intensa de presente irreduzível, num tipo de temporalidade sem passado.

Escolhendo uma abordagem sociológica que corre junto com a análise imanente, Rayssa de Medeiros Oliveira e Luiz Antonio Mousinho Magalhães demonstram como os fatores externos compõem a estrutura e a densidade da construção formal e espacial da personagem de *O céu de Suely* (2006) de Karim Aïnouz. “Há algo além de lá: identidade, pertencimento e espaço narrativo em *O céu de Suely*” relaciona a constituição da identidade de Hermila com a formação do mesmo processo em tempos de globalização



e de pós-modernidade. Se a personagem nunca consegue compor quem ela é de maneira completa, Aïnouz transforma esse viés de fragmentação em forma de filmar. A constante sensação de não pertencimento e a construção de uma identidade fragmentada, temporária e pautada pela diferença não incidem só no comportamento de Hermila, mas também no espaço fílmico, desencadeando uma tensão que se faz presente na atitude da câmera e na narrativa.

Paola Prestes Penney transforma o debate de *Significação* sobre métodos de abordagem em espaço para problematizar sua própria metodologia de pesquisa. O artigo “Narrativas de uma viagem permanente: a produção fílmica de Herbert Duschenes” compõe-se, assim, de um objeto em constante construção.

Como a obra do arquiteto e professor de história da arte erradicado no Brasil Herbert Duschenes permanece inédita, Penney discute a adequação metodológica de seu objeto. A abordagem é estética e corrobora com a visão de Duschenes como detentor de um ponto de vista particular e autoral em seus 227 curtas-metragens. Com uma abordagem auto-reflexiva, a autora enfrenta ao mesmo tempo a questão da preservação dos arquivos fílmicos e as dificuldades de abordar pela primeira vez um tema ainda não contemplado pelo universo acadêmico, sem a proteção prévia dos textos canonizados.

Sem ser exaustivo, o dossiê pretende fornecer exemplos das pesquisas realizadas em torno do audiovisual na atualidade, abrindo indagações em torno de questões e métodos. Trata-se do trabalho de tornar visíveis os métodos utilizados pelos pesquisadores para trazer ao universo acadêmico a contenção efêmera dos planos e a materialidade do cinema.

Na seção “Artigos”, Marcio Serelle discute a televisão como gênero híbrido e a noção de fluxo através do pensamento de Raymond Williams. A série *Papo de polícia* (2011) de Rafael Dragaud conduz Thales Vilela Lelo ao estudo da composição dos personagens e da construção dos focos narrativos. Nesta edição, *Significação* destaca dois artigos sobre a produção brasileira contemporânea. Camila Vieira da Silva concentra-se na constituição do fracasso e do desaparecimento em *Linz – Quando todos os acidentes acontecem* (2013) de Alexandre Veras, enquanto Marina Soler Jorge propõe decompor o figurino e as relações espaciais de *O Palhaço* (2011) como parte da *mise en scène* de Selton Mello. O cinema latino americano é o tema do texto de Maria Alzuguir



Gutierrez sobre a representação da juventude marginalizada em *Rodrigo D No futuro* (1990) de Victor Gaviria e *¿Como vês?*(1985) de Paul Leduc. A análise filmica também é o mote de Bibiana de Paula Friderichs que decompõe as variações em torno do sexo e do desejo em *Je t'aime... Moi non plus* (1976) de Serge Gainsbourg, à luz de Roland Barthes e do processo de produção de sentido. Mantendo essa abordagem teórica, João Vitor Resende Leal realiza um estudo comparativo entre várias noções dedicadas à suspensão narrativa para avaliar suas consequências no espectador. A globochanchada é o tema de Márcio Rodrigo Ribeiro que traça um breve panorama histórico sobre o gênero na atualidade. Saindo do viés estético do cinema, Beatriz Braga Bezerra concentra-se na construção da marca Apple e nas estratégias publicitárias do filme *Jobs* (2013) de Joshua Michael Stern.

Por fim, na seção de resenhas, Lúcia Ramos Monteiro volta-se ao debate em torno de *O que é isso, companheiro* (1997) de Bruno Barreto e *Hércules 56* (2006) de Sílvio Da-Rin, a partir do livro de Fernando Seliprandy, *A luta armada no cinema*. Na mesma seção, Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa propõe uma discussão epistemológica sobre o livro *Comunicação, mediações e interações* de Lucrécia D'Alessio Ferrara como uma obra que aprofunda a própria produção do conhecimento.

Boa leitura!

Margarida Maria Adamatti

Eduardo Victorio Morettin